



Zanzalá

Homepage da revista:

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/zanzala/index>



A Editora Seoman e a Ficção Científica

Roberto de Sousa Causo¹

Universidade de São Paulo, Brasil

Resumo

Desde 2016, a Editora Seoman, parte do Grupo Editorial Pensamento, tem publicado consistentemente livros sobre ficção científica ou que tocam no gênero na literatura e no cinema. Ao examinar quatro títulos dessa produção, o artigo também investiga como esse tipo de publicação de não ficção oferecido ao público em geral pode dialogar com o enfoque acadêmico, no atual estágio das pesquisas de ficção científica no Brasil.

Palavras-chave: História da ficção científica; Estudos de ficção científica; Editora Seoman.

Abstract

Since 2016 the Seoman publishing house, part of the Pensamento editorial group, has consistently published books about science fiction or that touch upon the genre in literature and cinema. Examining four titles in that production, the article also investigates how this kind of publishing of popular non-fiction offered to the general public can dialogue with the academic approach, in the current stage of science fiction research in Brazil.

Keywords: History of science fiction; Science fiction studies; Seoman publishing house.

¹ Escritor e editor. Doutor em Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade de São Paulo.

A dinâmica da publicação de literatura especulativa² tem mudado no Brasil, nos anos mais recentes, com a ficção científica ganhando parte do terreno perdido perante a fantasia e o horror. Boa parte da força dessa tendência é atribuída ao trabalho da Editora Aleph, sob a direção do *publisher* Adriano Frommer Piazzi, que enfatizou a publicação de clássicos *cult* em edições luxuosas, com o celebrado *book design* de Paulo Inoue e o trabalho editorial, não menos celebrado, de Daniel Lameira. Logo, outras editoras como a Suma, a DarkSide, a Morro Branco e mesmo a Companhia das Letras começaram a perseguir o mesmo padrão e a recuperar obras clássicas, além de publicar ficção científica inédita em tradução. A crise econômica e editorial que se instituiu a partir de 2015 tem atrapalhado essa tendência, mas não a ameaçado de todo.

Um dos desenvolvimentos mais interessantes desse reposicionamento do gênero dentro do nosso mercado editorial é o surgimento de obras ancilares, livros de não-ficção que aprofundam o relacionamento do leitor com a ficção científica e seus autores. Um selo editorial em particular tem trazido obras dirigidas ao público em geral, que cabem nessa categoria: a Editora Seoman, parte do Grupo Pensamento-Cultrix Ltda, de São Paulo.³ Desde 2015, a Seoman trouxe em rápida sucessão *A vida de Philip K. Dick: o homem que lembrava o futuro* (*A Life of Philip K. Dick: The Man Who Remembered the Future*; 2015), de Anthony Peake; *Universo alien: se os extraterrestres existem... cadê eles?* (*Alien Universe*; 2017), de Don Lincoln; *A verdadeira história da ficção científica: do preconceito à conquista das massas* (*The History of Science Fiction*; 2018), de Adam Roberts; e *O guia geek de cinema: a história por trás de 30 filmes de ficção científica que revolucionaram o gênero* (*The Geek's Guide to SF Cinema*; 2019), de Ryan Lambie. Devemos este conjunto de livros ao editor Adilson Silva Ramachandra, que ingressou na Editora Pensamento em 2006. O Grupo Editorial Pensamento foi formado em 2011, quando Ramachandra se tornou editor interino, juntamente com o colega Manoel Lauand, mas propondo fazer prospecção de títulos de não ficção da área para a Seoman, com o compromisso de publicação de um ou dois títulos por ano, respondendo ao *publisher* Ricardo Riedel.

A maior parte dos livros listados não cabe no rótulo de estudo *acadêmico*, mas eles oferecem

² Veja o verbete “Speculative Fiction” em *The Encyclopedia of Science Fiction, Third Edition*, especialmente o trecho que afirma o uso da expressão como coletivo para ficção científica e fantasia: “the term has come to be used with a very wide application (as by Samuel R Delany in his Original-Anthology series QUARK/), as if science fiction were a subset of speculative fiction rather than *vice versa*. Because ‘speculative fiction’, as now most often used, does not clearly define any generic boundary, it has come to include not only soft and hard sf but also Fantasy as a whole. Many critics do not find it a consistently helpful term but, as Gary K Wolfe points out in *Critical Terms for Science Fiction and Fantasy* (1986), critics tend to worry more about the demarcation of genres than writers do, and, as a propaganda weapon, the term has been useful precisely *because* it allows the blurring of boundaries, which in turn permits a greater auctorial freedom from genre constraints and ‘rules’.” Peter Nicholls & David Langford. “Speculative Fiction”. *The Encyclopedia of Science Fiction* editada por John Clute, David Langford, Peter Nicholls e Graham Sleight. Londres: Gollancz, updated 15 September 2017. Web. Acessada em 22 de dezembro de 2019. <http://www.sf-encyclopedia.com/entry/speculative_fiction>.

³ Como parte do selo Jangada, voltado para obras de ficção, o grupo editorial nos trouxe em 2016 a antologia editada por Harry Turtledove & Martin H. Greenberg, *As melhores histórias de viagem no tempo* (*The Best Time-Travel Stories of the 20th Century*), com tradução de Gilson César Cardoso de Sousa.

pesquisas amplas e ricas, perspectivas interessantes e muitas informações que podem dialogar sem grandes ressalvas nem *disclaimers*, com a produção propriamente acadêmica. Diga-se de passagem, essa produção vem crescendo continuamente ao longo dos anos, a partir do início do século, e se beneficia com esse diálogo e com uma renovação constante de abordagens e ângulos de entendimento da ficção científica (FC).

*

A vida de Philip K. Dick é o primeiro livro a tratar aqui. Dick é um autor *cult* dentro da ficção científica desde, pelo menos, a década de 1960, muito popularizado pelo cinema (a partir de 1982) e de reputação crescente, em especial depois de ter se tornado o primeiro escritor a entrar, em 2007, na prestigiosa coleção Library of America (com edição de Jonathan Lethem) pelas suas realizações dentro do gênero. Existe aí certa ironia, já que boa parte dos seus romances apareceram na desprestigiada e perecível categoria dos *paperback originals* (títulos lançados pela primeira vez como livros de bolso, raramente resenhados e destruídos quando não vendidos, sem que tenham sido publicados antes no prestigioso formato capa dura),⁴ e foi esse trabalho desprezado que abriu as portas não apenas para o reconhecimento como para a publicação (póstuma, na maioria) dos seus romances de ficção literária.

A biografia escrita por Anthony Peake fornece um interessante esboço biográfico de Dick. Nele, se destacam a primeira infância difícil, o mundo imaginativo infantil, as muitas esposas e outros relacionamentos conturbados, a ambição pessoal e artística de se ver reconhecido como um escritor literário, os problemas de saúde e de estilo de vida — que incluíam o uso pesado de barbitúricos para manter a produção intensa de romances *pulp* —, e o interesse em vida que a sua obra despertou junto a aficionados, críticos e comentaristas culturais. Há, igualmente, muitos detalhes sobre o conteúdo dos romances e histórias, e de como esse conteúdo espelha aspectos pessoais, místicos e filosóficos explorados por Dick.

O livro também é o item deste lote de publicações da Seoman que possui a proposta mais incômoda para o olhar acadêmico: seu autor, Anthony Peake, está disposto a analisar o lado místico de Dick — fundamental, a propósito, para o projeto literário do autor de clássicos como *O homem do castelo alto* (1962). O livro de Peake investiga, em sua primeira parte (ele é dividido em três), a infância e juventude do escritor, a família, seus primeiros empregos e relacionamentos, e os primeiros escritos. Mais tarde, os casamentos, os seus momentos místicos, o sucesso relativo e seus anos finais até a morte em 1982, pouco antes que o sucesso de *Blade Runner: o caçador de andróides* (1982), baseado no seu romance *Andróides sonham com ovelhas elétricas?* (1968), o consagrasse como uma referência quase universal na cultura do século XX. É interessante mencionar especialmente o fato de Peake combinar a

⁴ Registrando essa problemática, o Prêmio Philip K. Dick, premia justamente o melhor romance de ficção científica em língua inglesa publicado como *paperback original*.

sua narrativa da vida de Dick com uma série de boxes com informações sobre os principais romances do escritor. Desse modo relativamente discreto, o livro combina biografia com referência. Reproduzo um exemplo de boxe, tratando do romance *The World Jones Made*, que existe em edição nacional (Bruguera), como *Passageiros para Vênus*:

1954 – The World Jones Made

“A ironia foi que meu segundo romance, THE WORLD JONES MADE, era sobre um precognitivo. E não faz nada bem para ele. Ele teve aversão ao acontecimento. Foi um inferno para ele. Ele tinha precognição para um ano à frente. E quando chegou ao último ano da sua vida, teve a precognição de estar morto, portanto não se tratava de um talento que lhe desse qualquer opção.”

—Philip K. Dick, *Martian Time-Slip* [sic]

Esse foi o segundo romance de PKD. O primeiro foi *Loteria Solar*, que havia sido publicado em maio de 1955. Ele o escreveu no final de 1954, com o título original de *Womb for Another*. Foi recebido pela agência, a Scott Meredith Literary Agency (SMLA), no dia 28 de dezembro de 1954. A Ace comprou o livro em 1955 e, após fazer a alteração do título, publicou-o num “Ace Double” em março de 1956.

Nesse romance vemos muito dos temas que prosseguiram ao longo da carreira de PKD. Temos um personagem central, Floyd Jones, que consegue “preconhecer” com a antecedência de um ano. Ele usa essa habilidade para se tornar um tipo de líder religioso. Precognitivos — ou Precogs — e líderes religiosos aparecem diversas vezes na escrita de PKD. Ele já investigava as implicações para a hipótese de que o tempo não passa, mas simplesmente é, e, sendo assim, o futuro já existe. Para PKD, a questão aqui é o livre-arbítrio. Por saber o futuro, Jones caiu na sua armadilha. Ele não tinha outra linha de ação senão seguir o que estava decretado. Em romances posteriores, Phil[ip K. Dick] introduz a ideia de futuros alternativos e, com ela, escapa desse problema.

Nesse estágio da sua escrita, PKD já usava de forma consciente a técnica de James Joyce. PKD tinha a ambição de ser um romancista *mainstream* e, assim, ficava empolgado em aplicar as técnicas dos grandes escritores ao seu próprio trabalho.

Esse romance revelou sua própria forma de precognição. Vinte anos depois, outro líder religioso chamado Jones levou uma tragédia a seus seguidores. Mas o mais intrigante é que num certo estágio, a ex-esposa de Phil, Nancy [Hackett], esteve envolvida no Ministério de Jim Jones e pensava em isolar-se com a pequena Isa [Isolde Freya, a segunda filha de Dick]

numa das comunidades de Jones. (PEAKE, 2015, p. 84)⁵

Como se vê pelo parágrafo final da citação, Peake pontua a sua discussão da vida e obra de Dick com a tese de que, de algum modo, o escritor americano enxergaria cenas e situações do futuro — daí o subtítulo *O homem que lembrava o futuro*, possivelmente inspirado por histórias de Dick como “We Can Remember It for you Wholesale” (1966). Peake ampara a sua especulação com trechos de histórias, de entrevistas e da correspondência de Dick, além de depoimentos de gente que o conheceu (incluindo familiares). Seus argumentos são intrigantes, mas ele não os força sobre o leitor. “Peço desculpas por usar uma abordagem um tanto idiossincrática da vida desse grande escritor”, escreveu no seu prefácio.

No entanto, sinto que, se PKD tivesse escrito sua autobiografia, essa é uma direção que ele poderia ter tomado. Sua *Exegese* foi uma tentativa de explicar exatamente o que aconteceu com ele durante os meses de março e fevereiro de 1974 e que iniciou um período de busca interior quase religioso. Ele questionou tudo e chegou a muitas respostas, a maioria das quais acabou rejeitando depois. Eu gostaria de acreditar que neste livro tentei responder a, pelo menos, algumas perguntas de PKD. [...] (PEAKE, 2015, p. 26)

Em outras palavras, se o ângulo místico fez parte da vida e da obra de Dick, Peake sente a necessidade de dialogar com esse ângulo numa chave aberta. A segunda parte do livro se concentra justamente em imaginar uma explicação mística, esotérica, para as experiências transcendentais que Dick afirmava ter vivido, na chamada “teofania” vivida por ele no período 1972-74 (PEAKE, 2015, p. 143-164). Contudo, equilibrando a questão, e com ainda mais firmeza, ele busca na terceira parte uma explicação neurológica — e, portanto, materialista — dessas experiências, indo de enxaqueca a *overdose* de vitaminas e AVCs isquêmicos. O assunto é fascinante em si mesmo, mas há o suficiente em *A vida de Philip K. Dick*, fora dessas especulações, para cativar também quem não se interessa por elas e busca apenas *insights* sobre a vida e a obra de um grande escritor que a ficção científica apresentou ao mundo.

Vale reforçar que a Seoman pertence ao Grupo Editorial Pensamento, com forte vínculo com esoterismo, fenômenos estranhos e espiritualidade, de modo que, com *A vida de Philip K. Dick*, tem-se um casamento interessante entre o segmento cultura *pop* a que o selo se destina, e a identidade maior do

⁵ Os boxes obedecem ao mesmo padrão, com uma citação de Dick sobre a obra discutida, uma paráfrase do enredo e um comentário de Peake. Há um erro na citação aqui, que deveria ser atribuída da seguinte maneira: “—Philip K. Dick, *The World Jones Made*”. (Na verdade, em existindo a edição brasileira da Bruguera, o correto seria *Passageiros para Vênus*.) Vale comentar que um “Ace Double” era um *paperback* (livro de bolso) publicado pela Ace contendo dois romances curtos de dois autores diferentes, cada um com a própria capa e texto dispostos “de ponta cabeça” em relação ao outro. Na página 83, a tradutora traduz desnecessariamente “Ace Doubles” como “Dupla de Ases”.

Grupo Pensamento.

*

O mesmo se dá com o intrigante *Universo alien*, de Don Lincoln, físico do Fermilab e colaborador da revista *Analog Science Fiction & Fact*, que combina ficção científica e divulgação científica. O entroncamento em que o seu livro se posiciona cobre FC, ciência e ufologia — três modos em que a figura do alienígena inteligente é fixada e passa a transitar dentro da cultura. Segundo o autor, “várias fontes diferentes de informação guiaram a imagem coletiva que fazemos dos Alienígenas. Podemos dividir tais fontes em três categorias: não ficção, ficção e uma terceira na qual a linha divisória entre ficção e não ficção é totalmente indefinida” (LINCOLN, 2017, p. 15). Essa “terceira fonte” também deve caber na identidade do Grupo Pensamento — tanto que discos voadores estão representados na capa do livro.

Lincoln escreve com fluência, boa didática e conhecimento de ficção científica — especialmente a audiovisual (cinema e televisão), certamente a mais difundida e que mais contribuiu para a visualização popular do alienígena. A edição brasileira contou com a ótima tradução do casal de biólogos Humberto Moura-Neto & Martha Argel, ambos muito familiarizados com o gênero, e que, por tais fatores, devem ter contribuído para a precisão do texto. Segundo Moura-Neto, em comunicação pessoal, foi “desafiante traduzir este livro porque, apesar do Lincoln ser interessante, muitas vezes a forma dele explicar alguma coisa era um tanto abstrusa, e então aproveitamos para dar uma melhorada no texto, especialmente na parte de biologia” (MOURA-NETO, 2018).⁶

A questão de fundo neste artigo, a propriedade acadêmica desse tipo de livro popular que aborda a ficção científica como fenômeno cultural, é explicitada por Lincoln: “Vamos [...] discutir tais temas científicos neste livro, mas a concepção que o público tem dos Alienígenas tende a vir não das instituições acadêmicas, mas da indústria do entretenimento e da mídia em geral” (LINCOLN, 2017, p. 15). Sobre o fenômeno OVNI, ele o define como “um mistério envolto em um enigma, com uma mescla de conspiração e fervor religioso adicionados para dar tempero à mistura” (LINCOLN, 2017, p. 18). Assim como foi com Carl Sagan e outros céticos militantes, a preocupação de Lincoln é limpar um terreno científico do folclore, do misticismo e da má-fé. A diferença é que ele é mais moderado em sua abordagem, e o resultado é um texto de grande clareza e precisão, leve e respeitoso com as posições opostas. Mais um professor, portanto, e menos um cruzado fundamentalista científico.⁷

A primeira obra literária de ficção científica discutida no livro é *A guerra dos mundos* (1897),

⁶ Cf. MOURA-NETO, Humberto. *Sobre Universo Alien* [Comunicação pessoal]. Messenger – Facebook. 28 de agosto de 2018. Martha Argel é escritora publicada, autora de, entre outros títulos, *O vampiro da Mata Atlântica* (2009).

⁷ Sobre “fundamentalismo científico” recomendo a leitura da tese de doutorado de Khalid Basher Mikha Tailche. Cf. TAILCHE, K.B.M. *Contrapontos no pensamento fundamentalista: para uma análise crítica*. 2012. Tese — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

mesmo porque esse romance de H. G. Wells baseava-se em ideias do século XIX acerca da possibilidade de vida em Marte, com muitas especulações nascidas da astronomia.⁸ Lincoln também trata do Marte de Edgar Rice Burroughs, e, mais adiante, menciona nomes importantes da FC. As franquias Star Trek e Star Wars são igualmente mencionadas, assim como filmes conhecidos como *Alien: o oitavo passageiro* (1979) e *Avatar* (2009).

A história da ufologia, a partir do avistamento relatado por Kenneth Arnold em 1947, o “ano zero da ufologia”, é explorada e logo o autor estabelece paralelos entre a questão dos discos voadores e a ficção científica popular da época, especialmente no cinema. Esse paralelos realmente existem— veja, por exemplo, minha antologia *Estranhos contatos: um panorama da ufologia em 15 narrativas extraordinárias* (1998) — e Lincoln discute muito bem esse fato, que, por si só, acrescenta uma nova função didática à ficção científica: diminuir a credulidade em torno das afirmativas mais extravagantes da ufologia e da sua casuística. Não obstante, também é preciso reconhecer a influência da ufologia sobre a ficção científica (audiovisual, especialmente). Muita atenção é dada por Lincoln a filmes americanos da década de 1950 em que aparecem tanto alienígenas quanto discos voadores, como *O dia em que a Terra parou* (1951), *O monstro do Ártico* (1951), *Os invasores de Marte* (1953) e *O Planeta proibido* (1956).

Lincoln encerra *Universo alien* com uma reflexão bem estruturada sobre como seria a vida extraterrestre a partir do que se sabe sobre química, física e a vida na Terra (concentrando nas formas mais estranhas, as extremófilas, existentes em ambientes hostis e extremos aqui mesmo em nosso planeta). Ele também discute especulações da ficção científica, como formas de vida baseadas em silício ao invés de carbono. Nesse ponto, as ilustrações presentes no livro dão lugar a gráficos e tabelas. Com isso, ele se torna uma obra de divulgação científica de interesse tanto para fãs e escritores de ficção científica — que podem fundamentar melhor suas especulações sobre o assunto —, quanto para quem deseja entender melhor a ufologia como fenômeno cultural dos nossos tempos.

Para o acadêmico, especialmente o iniciante na pesquisa da ficção científica no cinema e na literatura, nem sempre é fácil superar a barreira das duas culturas, conceito proposto pelo inglês C. P. Snow em 1959, indo da formação em humanas para discutir questões científicas complexas em si mesmas, e que demandam o seu letramento específico. Por isso, *Universo alien* também acaba sendo uma obra introdutória substancial para a problemática do alienígena na ficção científica, visto especialmente pelo ângulo da questão científica e cultural-popular.

*

O cinema de ficção científica é o assunto de *O guia geek de cinema*, escrito por um dos editores do site de cultura popular *Den of Geek*. O autor, Ryan Lambie, possui um texto fluido e vivaz, com grande

⁸ Vale destacar a presença de ilustrações do brasileiro Henrique Alvim-Corrêa (1876-1910) nesse capítulo.

poder de síntese. Foge da superficialidade que encontramos em muitos *sites* e *blogs*, por meio de uma abordagem que destaca o modo como os filmes e os temas eleitos expressam o espírito da época e suas questões políticas e sociais, sem, obviamente, ser “pesado”. Existe aí, portanto, uma abordagem suave daquilo que poderíamos chamar de “cinema e sociedade” (analogia à abordagem “literatura e sociedade” firmada no contexto brasileiros dos estudos literários, pelo crítico Antonio Candido). Tive o prazer de ser convidado por Adilson Silva Ramachandra para escrever o prefácio do livro, que se segue à ótima apresentação de Cláudia Fusco⁹.

O livro de Lambie é dividido em capítulos temáticos que se dispõem cronologicamente, discutindo a evolução da ficção científica no cinema a partir dos seus grandes marcos, indo de *Viagem à Lua* (1902) até *A origem* (2010). Desse modo, o livro também é uma grande lista. Tem o diferencial de discutir uma variedade de outras produções a cada capítulo, identificando semelhanças sob uma mesma chave temática dentro de cada período. Desse modo, por exemplo, ao tratar de *O dia em que a Terra parou* no capítulo “Os clássicos da Era Óvni” (uma conexão com o assunto do livro de Don Lincoln), o autor também discute produções como *Guerra entre planetas* (1955), *A invasão dos discos voadores* (1956), e até mesmo *Plano 9 do espaço sideral* (1959), do infame Ed Wood. Nesse capítulo, o tópico de fundo é a guerra fria e o clima político anticomunista americano. Uma ficha com os títulos “suplementares”, por assim dizer, fecha cada um dos capítulos. Com isso, o guia valoriza o seu assunto e favorece tanto a leitura completa do volume quanto a consulta constante dos filmes e temas que Lambie elegeram.

Lambie também comenta com destaque filmes populares pouco lembrados pela crítica, mas importantes pela repercussão, impacto no imaginário popular e quantidade de imitações, como *Godzilla* (1954) e *Independence Day* (1996), ao lado de grandes títulos respeitados e estudados como *Metrópolis* (1927), *Dr. Fantástico* (1964), *2001: Uma Odisseia no Espaço* (1968), *Blade Runner* (1982) e *Matrix* (1999).

Aproximando-se do padrão característico das edições da Aleph, com acabamento gráfico superior (o livro é em capa dura) e muitos “extras”, Adilson Ramachandra incluiu na edição nacional uma conjuntos de listas dos melhores filmes de FC, divididas em épocas e temas, pesquisadas por ele e reproduzidas no final do livro, ampliando o seu lado referencial. Por sugestão minha, essa seção de extras incluiu contribuição de Alfredo Suppia, especialista em ficção científica no cinema brasileiro, que elaborou uma lista de produções que merecem atenção, agregada ao anexo II, “Brasil, o país do futuro

⁹ Outros livros da Seoman discutidos aqui que foram enriquecidos com material introdutório são *A vida de Philip K. Dick*, com apresentação do escritor e roteirista Lúcio Manfredi, e prefácio da edição brasileira pelo escritor e jornalista Ronaldo Bressane (tradutor da edição da Editora Aleph de *Do Androids Dream of Electric Sheep?*, de Dick); e *A verdadeira história da ficção científica*, com apresentação do editor e promotor cultural Silvio Alexandre, prefácio de Bráulio Tavares (autor do livro introdutório *O que é ficção científica*, da coleção Primeiros Passos, 1985) e posfácio de Gilberto Schoereder (autor do livro introdutório e de referência *Ficção científica* (Francisco Alves, 1986).

inatingível? 16 filmes brasileiros de ficção científica” A lista foi formada a partir da pesquisa para a sua tese de doutorado *Limite de alerta! Ficção científica em atmosfera rarefeita: uma introdução ao estudo da FC no cinema brasileiro e outras cinematografias off-Hollywood* (2007), base do seu admirável livro *Atmosfera rarefeita: A ficção científica no cinema brasileiro* (2013). Com isso, a FC cinematográfica nacional não ficou de fora desta edição do guia de Ryan Lambie.¹⁰

*

Publicado pela Seoman em 2018, *A verdadeira história da ficção científica* é o único deste conjunto de livros que poderíamos considerar propriamente acadêmico — ainda que sua tendência ensaística seja evidente desde o início e o indique ao público em geral —, e por isso deixei-o para o fim, quebrando a lógica cronológica deste artigo. Um dos principais assuntos do livro é a proto-ficção científica da antiguidade até o século XIX, num diálogo com a FC que nos chega neste século XXI.

Seu autor, o inglês Adam Roberts, escreveu *Science Fiction* (2000), livro introdutório, parte da conhecida e popular série *The New Critical Idiom*, e bastante citado entre os jovens pesquisadores brasileiros de ficção científica. Nesse livro anterior, Roberts escreveu: “Eu considero que a FC é moderna; e por moderna quero dizer ‘pós-romântica’, o que significa vindo depois da reavaliação da cultura e metafísica associada com o período romântico, grosso modo entre 1780-1830” (Roberts 2003, 54). Entretanto, já no prefácio à primeira edição de *A verdadeira história da ficção científica*, ele afirma: “Sustento que as raízes do que hoje chamamos de ficção científica são encontradas nas viagens fantásticas da novela [sic] grega antiga” (ROBERTS, 2018, p. 23). A mudança de ponto de vista fica estabelecida, portanto, e o próprio autor explicita no prefácio à segunda edição: “Desde que comecei a escrever esta história, minha ignorância sobre a ficção científica diminuiu e, em decorrência disso, minhas visões do campo se alteraram sob muitos aspectos e em vários graus” (ROBERTS, 2018, p. 19). Mais adiante, após citar Samuel R. Delany e a posição contrária à ideia de uma proto-FC desse autor do gênero, Roberts esclarece: “Fui, em minha época, persuadido por esses argumentos; não sou mais” (ROBERTS, 2018, p. 34). Inclusive, ele nem emprega a expressão “proto-ficção científica” em seu livro, preferindo abandonar qualquer ambiguidade ou divergência do gênero que a expressão poderia indicar, para chamar diretamente de “ficção científica” as obras antigas que investiga.

A tese do novo livro com a nova perspectiva é a de que a ficção científica como a conhecemos deveria muito a um ponto de clivagem insuspeito: a Reforma Protestante no século XVI. Ela propõe que, entre a Antiguidade Clássica e o século XVII, houve um hiato na escrita de viagens fantásticas, motivado pelas condições socioculturais da ordem feudal e do catolicismo. “Sustento que o ressurgimento da ficção

¹⁰ As produções citadas por Suppia são: *Abrigo nuclear* (1981), *Amor voraz* (1984), *Areias escaldantes* (1985), *Barbosa* (1988), *Branco sai, preto fica* (2014), *Brasil ano 2000* (1969), *Cassiopeia* (1996), *Os cosmonautas* (1962), *Uma história de amor e fúria* (2013), *Loop* (2002), *Manhã cinzenta* (1969), *Parada 88, o limite de alerta* (1978), *Projeto Pulex* (1991), *Quem é Beta?* (1972), *O quinto poder* (1962) e *Sangue de tatu* (1986).

científica é correlato à reforma protestante”, afirma. E ainda, que durante “o final do século XVI e início do XVII, a balança da investigação científica se deslocou para os países protestantes, onde o tipo de especulação que pudesse ser considerada contrária à revelação bíblica poderia ser empreendida com mais [...] liberdade” (ROBERTS, 2018, p. 26). A teoria de Giordano Bruno da pluralidade dos mundos habitados, rechaçada pela Igreja, é um dos pilares desse entendimento da parte de Roberts. “Para uma imaginação católica ortodoxa, a pluralidade de mundos habitados se torna uma suposição intolerável”, argumenta; “para uma imaginação protestante [...], o cosmos se expande diante das sondagens investigatórias da ciência empírica durante os séculos XVII e XVIII; e a exploração investigativa e especulativa desse universo se expande com ele”. Para Roberts, a correlação com o gênero literário é absoluta: “Trata-se da imaginação da ficção científica, que se torna cada vez mais uma função da cultura protestante ocidental” (ROBERTS, 2018, p. 27).

Imagino que uma primeira reação possível que esse tipo de argumento despertaria em nós seria a suspeita de que Roberts desejaria afirmar a superioridade da cultura protestante, e da colonização anglo-nórdica em detrimento da latina ou das culturas não-ocidentais, especialmente em uma época em que (ainda) se fala em “choque de civilizações” e se volta a falar em “guerra cultural”. Roberts evita o campo minado com argumentos sólidos que remetem mais à história das ideias e das mentalidades. Também foge de uma perspectiva chauvinista ao, por exemplo, atribuir ao “imperialismo cultural anglo-americano” o fato, frequentemente ignorado, de que “durante os séculos XVII e XVIII, e entrando no XIX, a ficção científica foi dominada por escritores franceses” (ROBERTS, 2018, p.21). Seus argumentos igualmente permitem substanciar uma separação entre a fantasia e a ficção científica:

Começa aqui uma separação na ampla corrente de ficção fantástica ou não realista. O imaginário católico tolera a magia e produz o romance tradicional, gótico-mágico, de horror, de fantasia tolkieniana e do realismo mágico de García Márquez. O imaginário protestante vai cada vez mais substituindo a função instrumental da magia por dispositivos tecnológicos e produz ficção científica. (ROBERTS, 2018, p. 29)

O aparente “furo” nesse argumento está num fato que a fantasia como gênero literário tem expressado desde a década de 1990, em especial: existem tradições não ocidentais e não católicas de pensamento que podem fundamentar, e têm fundamentado, as explorações da fantasia. Mas persiste a realidade de que, na maioria dos casos, é uma fantasia estabelecida como gênero a partir das tradições europeias, que parece “alcançar” essas outras tradições, absorvendo-as. O caso brasileiro paradigmático é o da fusão da alta fantasia e da fantasia heroica com o imaginário indígena/colonial que se dá a partir de narrativas de Simone Saueressig, Christopher Kastensmidt, Felipe Castilho, Ian Fraser, e da minha própria

Saga de Tajarê.

Mais do que essa divisão conceitual entre FC e fantasia, Roberts quer firmar uma nova visada dialética sobre a FC. Declara que, se fosse reduzir a tese do seu livro em poucas linhas, diria que “a ficção científica é determinada com exatidão pela *dialética* entre os imaginários protestante e católico, que emergiu do particular contexto cultural-ideológico do século XVII”. Para ele, os “textos de FC são mediadores desses determinantes culturais com diferentes ênfases, algumas mais estritamente materialistas, outras mais místicas ou mágicas” (ROBERTS, 2018, p. 29). A sua discussão inicial dessa dialética é fascinante em si mesma, com a menção de autores disponíveis no Brasil, como Walter M. Miller Jr., C. S. Lewis, Arthur C. Clarke e James Blish, ao lado de outros menos conhecidos como Gene Wolfe, Dan Simmons e Kim Stanley Robinson.

Passado o conteúdo da introdução e antes de iniciar propriamente a sua história do gênero, Roberts apresenta um capítulo sobre as definições de ficção científica — contendo nele uma defesa muito lúcida do gênero, defesa essa que certamente motiva o subtítulo criado pela Seoman: “Do preconceito à conquista das massas.” Entre outras observações perspicazes, ele afirma que a “categoria ficção literária” ou *mainstream* não deixa de ser um gênero literário (e não o conjunto completo da literatura, com as diversas formas de ficção de gênero compondo um conjunto de exceções). Nesse capítulo, além de Darko Suvin e o seu conceito bastante utilizado do *novum*, Roberts cita Pierre Bordieu e alguns críticos especializados no gênero, mas pouco discutidos por aqui, como Patrick Parrinder, Damien Broderick, Samuel R. Delany e Gwyneth Jones. De modo mais interessante e ousado, cita o filósofo americano Paul Feyerabend, autor de *Contra o método (Against Method, 1975)*, para defender que “existe um espaço em que o tipo de ciência que Feyerabend propõe” — uma ciência mais anárquica, que não se atenha a regras científicas limitadoras das ideias e dos avanços — “já acontece; no qual pensadores brilhantemente heterodoxos disseminam suas ideias, apesar do quanto pareçam estranhas a princípio”. Seria um espaço “no qual são conduzidos experimentos e empreendidas pesquisas não convencionais. Esse espaço se chama ficção científica. Embora não faça menção à literatura, a perspectiva de Feyerabend inclui, de modo implícito, a noção de que a FC é um componente crucial da ciência assim como da cultura” (ROBERTS, 2018, p. 47). Com essa reivindicação de Feyerabend, e do papel potencial da FC na proposta de Feyerabend, Roberts também responde à questão posta como afirmativa por C. P. Snow em *The Two Cultures*: “Não parece haver lugar em que as culturas [científica e tradicional literária] se encontrem” (SNOW, 1996, p. 16)¹¹. No processo, Roberts também responde à crítica histórica feita por muitos

¹¹ No prefácio à edição da Canto, Stefan Collini aponta que Snow tinha muita simpatia por H. G. Wells, autor em que, certamente, ciência e literatura se encontravam e que não teria a atitude nostálgica e retrógrada dos intelectuais literários, modernistas, ingleses. É possível, portanto, que ao menos na ficção científica de Wells esse lugar do encontro das duas culturas existisse, mas Snow não teve coragem de apontar a possibilidade, em *The Two Cultures*. No argumento de Collini há a sugestão implícita de que a rejeição a Wells por parte de críticos importantes como F. R. Leavis teria tido um papel nessa omissão.

intelectuais brasileiros, como Otto Maria Carpeaux e Wilson Martins, de que a ficção científica, ao desejar ser ao mesmo tempo ficção (imaginação) e científica (método), termina por não ser nem uma nem outra.¹² Este rico capítulo inicial inclui ainda uma discussão da FC científica (filosófica) vs. FC tecnológica, e da FC *hard* vs. FC *soft* — além de uma defesa do *fandom* (a comunidade de fãs, leitores e autores, do gênero) que vale a pena considerar.

O capítulo 2 se volta, enfim, para a proto-FC da antiguidade (a partir de Plutarco e Luciano): “Ficção científica e a novela antiga.” Surge aqui uma grave questão de tradução que se comunica, mais uma vez, com o nosso tópico subjacente, da propriedade dos livros da Seoman para o debate acadêmico. Roberts absorve o argumento de Margaret Anne Doody em *The True Story of the Novel* (1996), de que “a novela, como forma de literatura no Ocidente, tem uma história contínua de dois mil anos” (ROBERTS, 2018, p.65). Contudo, como o título do livro de Doody explicita, trata-se aqui não da forma da novela (*novella*, em inglês), mas do romance (*novel*, em inglês). O equívoco pode ter sido intencional, já que livra o tradutor de uma nota de rodapé para explicar do que se trata quando, por exemplo, surge o termo “romance”. Como em “desde o século XVIII em havido uma tendência a separar a novela do romance, reservando séria atenção crítica para a primeira (concebida como, em essência, realista) e denegrindo o segundo como fantástico, escapista ou vulgar” (ROBERTS, 2018, p. 66). A oposição aqui é entre *novel* e *romance*, sendo *romance*, na acepção anglo-americana, “qualquer trabalho estendido de FICÇÃO [*sic*] que lida com aventura, PERSONAGENS extravagantes, lugares estranhos ou exóticos, INCIDENTES misteriosos ou sobrenaturais, realizações heroicas ou maravilhosas, ou amor apaixonado” — segundo o *NTC’s Dictionary of Literary Terms* (1991). O verbete também informa: “O *romance*, com sua ênfase no puramente imaginário, difere do NOVEL, que busca um retrato mais ou menos realista de pessoas comuns e suas experiências” (MORNER & RAUSCH, 1991, p. 191). Mais perto, portanto, do que a crítica luso-brasileira costuma tratar por “romanesco”, na acepção que encontramos no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2001): “relativo a ou que lembra romance; fabuloso, utópico, quimérico”. E ainda: “marcado por aventuras, peripécias, acontecimentos imprevistos”. Retornando ao verbete do *Dictionary of Literary Terms*, os autores observam que hoje, “o *romance* aparece com mais frequência em duas FORMAS populares: a história de aventura [*sic*] (HISTÓRIAS DE DETETIVE e *thrillers* de espionagem) e a *love story*, ou romance popular (tipificado pelos amplamente lidos Harlequin Romances)” (MORNER & RAUSCH, 1991, p. 191). Esse traço depreciativo parece estar presente, na visão luso-brasileira, justamente na forma mais breve da novela. Veja, por exemplo, o que temos no final do verbete correspondente, no *Dicionário*

¹² Veja, por exemplo: Martins, Wilson. “Um realista mágico”. In *Pontos de vista (crítica literária) volume 8: 1968/1969/1970*, Wilson Martins. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 1994, pp. 96-100. Publicado originalmente em *O Estado de S. Paulo*, 7 de setembro de 1968. A tradução brasileira e portuguesa de “*science fiction*” como “ficção científica” contribui para o problema, já que “científico” é o que possui as propriedades da ciência. Se tivéssemos “ficção da ciência” ou “ficção de ciência”, mais próximo do original, o sentido de uma ficção sobre a ciência como fato cultural estaria melhor afirmado.

de termos literários de Massaud Moisés: “A mais recente caracterização da novela é a policial ou de mistério [...], e a novela de terror ou novela gótica [...]” (MOISÉS, 2008, p. 369).

Esta discussão sobre problemas de tradução é apropriada? A julgar pelo semiprofissionalismo que encontramos em tantas editoras universitárias brasileiras, é bem possível que elas não conseguiriam fazer muito melhor. Mas há ainda a questão da tradução especializada na crítica de ficção científica, que se poderia levantar — assinalando antecipadamente que uma crítica especializada existe há algum tempo de forma agregada ao *fandom* nacional de FC, mas que vem se infiltrando nas pesquisas acadêmicas.¹³ Aqui, ao traduzir a expressão “*sense of wonder*” (Roberts 2018, 20) por “sentimento de espanto” e não pelas formas mais comuns de “senso de maravilhamento” ou “senso do maravilhoso”, o tradutor deixa de remeter o leitor à rica discussão em torno desse termo tão antigo,¹⁴ empregado para definir o espírito do gênero. Essa riqueza é exemplificada pelo ensaio “Uma chave para a ficção científica: revisitando o senso do maravilhoso”, de Cornel Robu, recentemente disponibilizado em tradução na antologia de ensaios *Cartografias para a ficção científica mundial: cinema e literatura* (2015), editada por Suppia. Nesse texto seminal, Robu explora e aprofunda a associação entre o senso do maravilhoso e o conceito do sublime — também feita por Roberts em *A verdadeira história da ficção científica*.

O autor prossegue com uma das mais instigantes e aprofundadas discussões da proto-FC do período entre os séculos XVI e XIX, com destaque para as tradições da viagem fantástica/viagem extraordinária. O capítulo 4 oferece uma boa panorâmica das viagens interplanetárias do século XVII, e sua discussão da utopia e da sátira é sólida. A nova dialética de Roberts vai pautando o texto, reforçando a tese, mas sem forçar a barra. O capítulo 5 expande essa exploração para o século XVIII, em torno do argumento do grande e do pequeno — as novas dimensões do universo trazidas pela ciência emergente, exemplificadas nas *Viagens de Gulliver* (1726), de Jonathan Swift, e *Micrômegas* (1750), de Voltaire —, e o novo terreno da Terra oca e do mundo subterrâneo, além da advento do conto gótico, que Roberts contesta como raiz privilegiada da FC no século XIX (em diálogo com Brian W. Aldiss de *A Trillion Year Spree*, por exemplo). O lastro romântico da FC é recuperado por ele no capítulo 6, que trata justamente do início do século XIX, em que aparecem, por exemplo, Mary Shelley e Edgar Allan Poe como assunto. Mais interessante, o capítulo 7 vincula as novas viagens extraordinárias e o *leitmotiv* da antigravidade com os conceitos de mobilidade e mobilização social, segundo Charles Taylor em *A Secular Age* (2007) e citado por Roberts:

¹³ Para um maior entendimento dessa dinâmica, veja o meu ensaio “Esboço de uma história da crítica de ficção científica no Brasil”. In *Cartografias para a ficção científica mundial: cinema e literatura*, Alfredo Suppia, ed. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2015, p. 173-207.

¹⁴ Veja, por exemplo, o verbete “*sense of wonder*”, de Peter Nicholls & Cornel Robu, em *The Encyclopedia of Science Fiction, Third Edition*, em http://www.sf-encyclopedia.com/entry/sense_of_wonder.

O processo pelo qual as pessoas são persuadidas, empurradas, intimidadas ou coagidas a participar de novas formas de sociedade, de igreja e de associação [...] e são induzidas [...] não só a adotar novas estruturas, mas também, até certo ponto, a alterar seu imaginário social. (ROBERTS, 2018, p. 222-223)

Parece haver aí um ângulo original, e a apresentação da antigravidade ganha um peso (trocadilho) que não se vê em estudos similares da proto FC. O mesmo capítulo trata dos contemporâneos de Jules Verne, muitos influenciados por ele, embora o autor reserve o seu exame de Verne (e de H. G. Wells) para o capítulo seguinte. Nesse ponto, Roberts cita o romance brasileiro *Páginas da história do Brasil escritas no Ano de 2000* (1868-1872), de Joaquim Felício dos Santos, definido como “sintomático da difusão global da FC” e “obra que extrapola o que vê como vantagens naturais do Brasil em termos de geografia e recursos naturais para um futuro no qual o país superou os Estados Unidos como líder mundial” (ROBERTS, 2018, p. 232). Também interessante para quem estuda a FC brasileira, o tópico “Ficção científica mística” trata da influência do espiritismo sobre o gênero, via nomes como Camille Flammarion — autor ainda lido no Brasil, pela comunidade espírita. A eugenia também é mencionada nesse tópico, também estudada na pesquisa nacional de FC por Alexander Meireles da Silva, M. Elizabeth Ginway, Edgar Smaniotto e outros.

O capítulo 8 se concentra em Verne e Wells, em abordagem rica, repleta de *insights* agudos sobre os dois pais da ficção científica, porém sublinhada por uma outra dialética: aquela entre imobilidade e mudança histórica. Não obstante, o coração do capítulo parece estar em como os dois autores, cada um ao seu modo, voltava-se para dentro do formato que desenvolviam, entendendo suas características e a latitude de manipulação e desenvolvimento do gênero cuja consolidação eles promoviam.¹⁵ É claro que a deixa foi apanhada cedo pelas *pulp magazines* de FC, a começar por *Amazing Stories* em 1926, mas antes de discutir tais publicações populares Roberts engenhosamente interpõe o capítulo “O início do século XX, 1: ficção científica do alto modernismo”, examinando a conexão do gênero com os movimentos de vanguarda e a postura “antimáquina”, distópica e denunciante da arregimentação das sociedades, por autores disponíveis no Brasil como Karel Čapek, Yevgeny Zamiatin, Aldous (escrito como “Aldoux”) Huxley, René Barjavel, Franz Kafka (*O processo*) e C. S. Lewis (o tópico dialético “Ficção científica mística e religiosa” retorna nesse capítulo). Com a interpolação, Roberts parece se alinhar à posição de outro inglês, Brian Stableford, que, no ensaio “Science Fiction Between the Wars: 1919-1939” (incluído no guia universitário *Anatomy of Wonder 4: A Critical Guide to Science Fiction*), compara a FC britânica

¹⁵ Neste capítulo (p. 294) há um erro curioso de se apontar, pois deve ser da edição original: a ilustração atribui um desenho do brasileiro Henrique Alvim-Correia, da sua edição belga de *A guerra dos mundos*, impressa em 1906, como tendo ilustrado a publicação seriada do romance de Wells na revista *Pearson's Magazine* em 1897. O artista inglês Warwick Goble foi quem ilustrou a revista.

do período com a FC *pulp* americana:

[...] Havia muitos escritores na América que eram tão intelectual e artisticamente capazes quanto Huxley, [Olaf] Stapledon e [John] Gloag, mas a especulação sobre o futuro nunca entrou na moda nos círculos intelectuais em que eles se movimentavam. Os melhores escritores de FC *pulp* certamente não eram tolos, mas a maneira pela qual podiam se inspirar a partir de um debate público mais amplo era severamente constringida pela natureza do mercado.

As virtudes da melhor ficção especulativa produzida na Bretanha entre as guerras eram fáceis o suficiente de se enxergar: os romances eram sérios na intenção, ambiciosos em suas tentativas de analisar problemas humanos genuínos, e frequentemente sutis no desenvolvimento de suas ideias. Foram escritos dentro — e contribuíram com — um clima intelectual em que a preocupação com os prospectos futuros da sociedade tinha uma certa urgência. A ficção científica americana não tinha o benefício desse clima intelectual; ela teve que construir sua própria subcultura a fim de gerar tal interesse em uma escala mais limitada. (STABLEFORD, 1995, p. 70)

O clima intelectual em questão é o pessimismo quanto às democracias, o temor das “massas” e o espectro da desumanização exercida pela máquina e pela problemática da Revolução Industrial. Clima esse violentamente atacado por John Carey (que Roberts cita, contestando pontos acerca de Huxley) em *Os intelectuais e as massas: orgulho e preconceito entre a intelligentsia literária, 1880-1939*. A lógica de Stableford, portanto, e de Roberts, por extensão, é a de que da segunda metade do século XIX até o período em questão a FC britânica/europeia prosseguiram em sua evolução e em concordância com tal ambiente intelectual mais amplo. Ou seja, a FC do século XIX fundadora daquela do começo do século XX não foi interrompida nem substituída pela era das revistas *pulp* — ao contrário do que querem muitos críticos americanos.

Ao tratar desse desenvolvimento no capítulo seguinte, Roberts não esquece da FC *pulp* europeia, em países como França, Alemanha e Rússia, depois de tratar do famoso editor Hugo Gernsback e de autores americanos marcantes como Edgar Rice Burroughs e E. E. “Doc” Smith. Interessantemente, e em um espírito completista, ele escreve ainda sobre a ilustração de FC nas revistas *pulp* e do gênero no cinema, das fitas mudas até fins da década de 1930. Existe aí um ponto de contato com o livro de Ryan Lambie, que vimos acima. O mesmo padrão FC literária + cinema + arte persiste nos capítulos sobre a Era de Ouro, e desaparece naquele sobre a New Wave na década de 1960 — que compensa por tratar da FC francesa, alemã (discutindo, inclusive, da série Perry Rhodan) e a japonesa (um acréscimo positivo, já que muitas histórias da FC não se debruçam sobre esse país que se tornaria deveras importante para o gênero,

duas décadas depois). É claro que esse capítulo não poderia ser unicamente a respeito do movimento *New Wave* (Nova Onda), e o componente mais popular do gênero serve de contraponto.

O cinema retorna no capítulo 13 como o assunto principal, analisado entre 1960 e o ano 2000, com espaço também para menções a séries de TV como *Dr. Who* e *Jornada nas estrelas*. O capítulo seguinte promove o retorno da expressão literária do gênero nas décadas de 1980 e 1990, de modo que traz muitos elementos de diálogo com a experiência de leitores brasileiros ainda vivos que testemunharam, em traduções ou diretamente do inglês, o surgimento de obras e autores (alguns que estão sendo publicados aqui pela primeira vez, como Octavia E. Butler) analisados extensivamente por Roberts, sem falar de movimentos como o *cyberpunk*. O tema do *fandom* também retorna, com um tópico só dele, agora na era das grandes convenções. O capítulo 15 trata das expressões midiáticas do gênero, incluindo romances gráficos como *Watchmen*, de Alan Moore & Dave Gibbons, mas também artes plásticas e *videogames*, música e até mesmo ufologia (mais um contato com a identidade editorial do Grupo Pensamento).

O último capítulo trata do cinema e da literatura de FC no século XXI, incluindo aí menção à onda dos filmes de super-heróis, o movimento New Weird e os desenvolvimentos da *new space opera* e *new hard SF* na literatura, dos quais vimos pouca coisa no Brasil até o momento — ao contrário do *steampunk*, que Roberts também aborda. Embutido nesse capítulo, um tópico final retoma, a título de conclusões, a questão do protestantismo.

*

Para concluir eu mesmo, *A verdadeira história da ficção científica* é uma obra de peso que fornece subsídios para a discussão acadêmica e não acadêmica de temas candentes e atuais da FC, além de revisões e aprofundamentos de questões mais antigas. É uma contribuição singular, especialmente se considerarmos que foi a primeira tradução de um livro sobre FC, dirigido ao público em geral, que tivemos no país desde *No mundo da ficção científica (Asimov on Science Fiction)*, de Isaac Asimov, uma reunião informal mas inteligente e informativa de editoriais escritos por ele para a então *Isaac Asimov's Science Fiction Magazine*,¹⁶ e publicado aqui em 1984 pela Francisco Alves. Antes disso, tivemos o livro de L. David Allen curiosamente com o mesmo título na edição brasileira (pela Summus). É um guia universitário, publicado dez anos antes do homônimo de Asimov, e acompanhado de um ensaio canônico de Fausto Cunha sobre a FC no Brasil.

O cenário ao longo dos anos revela-se pobre, mas o livro de Adam Roberts se afigura, por comparação, por mérito e no contexto atual, como uma obra que deverá ser muito citada nos anos

¹⁶ Lançada com esse título em 1977, a publicação mudou o seu título para *Asimov's Science Fiction* em 1992. Foi publicada no Brasil, pela Editora Record, entre 1990 e 1993, como *Isaac Asimov magazine: contos de ficção científica*, com Ronaldo Sérgio de Biasi como editor.

vindouros. Esperamos vê-la nas listas de leitura de pesquisadores e fãs de ficção científica interessados em cultivar uma relação mais aprofundada com esse gênero tão apaixonante.

Os demais livros da Seoman analisados aqui sublinham o potencial de títulos que exploram o conhecimento acumulado sobre a ficção científica, para ingressar nesse diálogo crítico e informativo. O fato de terem, na maioria, uma leveza que contrasta com a sisudez e a rigidez acadêmica é refrescante e nos lembra que conhecimento também se produz fora dos muros da academia.

Referências

- ALDISS, Brian W.; WINGROVE, David. *A Trillion Year Spree: The History of Science Fiction*. Nova York: Atheneum, 1986 [1973].
- ALLEN, L. David. *No mundo da ficção científica*. São Paulo: Summus Editorial, 1974 [1973]. Introdução especial de Fausto Cunha. Tradução de Antonio Alexandre Faccioli & Gregório Pelegi Toloy.
- ASIMOV, Isaac. *No mundo da ficção científica*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, coleção Mundos da Ficção Científica, 1984 [1981]. Tradução de Thomaz Newlands Neto.
- CAREY, John. *Os intelectuais e as massas: orgulho e preconceito entre a intelligentsia literária, 1880-1939*. São Paulo: Ars Poética Editora, 1993 [1991]. Tradução de Ronald Kyrmse.
- CAUSO, Roberto de Sousa, ed. *Estranhos contatos: um panorama da ufologia em 15 narrativas extraordinárias*. São Paulo: Caioá Editora, 1998.
- DICK, Philip K. *Passageiros para Vênus*. Rio de Janeiro: Editorial Bruguera, s.d. [1956]. Tradução de Laís Mourão & Fernando Tavares.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LAMBIE, Ryan. *O guia geek de cinema: a história por trás de 30 filmes de ficção científica que revolucionaram o gênero*. São Paulo: Editora Seoman, 1.ª edição, 2019 [2018], 388 páginas. Tradução de Mário Molina.
- LINCOLN, Don. *Universo alien: se os extraterrestres existem... cadê eles?*. São Paulo: Editora Seoman, 1.ª edição, 2017 [2013], 320 páginas. Tradução de Humberto Moura-Neto & Martha Argel.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Editora Cultrix, 2008 [1974].
- MORNER, Kathleen & Rausch, Ralph. *NTC's Dictionary of Literary Terms*. Chicago: NTC Publishing Group, 1991.
- MOURA-NETO, Humberto. *Sobre Universo Alien* [Comunicação pessoal]. Messenger – Facebook. 28 de agosto de 2018.
- PEAKE, Anthony. *A vida de Philip K. Dick: o homem que lembrava o futuro*. São Paulo: Editora Seoman,

1.ª edição, 2015 [2013], 310 páginas. Tradução de Ludimila Hashimoto.

ROBERTS, Adam. *Science Fiction*. Londres/Nova York: Routledge, The New Critical Idiom, 3.ª edição, 2003 [2000].

_____. *A verdadeira história da ficção científica: do preconceito à conquista das massas*. São Paulo: Editora Seoman, 1.ª edição, 2018 [2016], 704 páginas. Tradução de Mário Molina.

ROBU, Cornel. “Uma chave para a ficção científica: revisitando o senso do maravilhoso”. In *Cartografias para a ficção científica mundial: cinema e literatura*, Alfredo Suppia, ed. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2015, p. 137-52.

SNOW, C. P. *The Two Cultures*. Cambridge/New York: Cambridge University Press, Série Canto, 1996 [1959, 1964, 1993]. Prefácio de Stefan Collini.

STABLEFORD, Brian. “Science Fiction Between the Wars: 1919-1939”. In *Anatomy of Wonder 4: A Critical Guide to Science Fiction*, Neil Barron, ed. New Providence, NJ: R. R. Bowker, 1995.

SUPPIA, Alfredo. *Atmosfera rarefeita: a ficção científica no cinema brasileiro*. São Paulo: Devir Livraria, 2013.

_____. “Brasil, o país do futuro inatingível? 16 filmes brasileiros de ficção científica”. In *O guia geek de cinema: a história por trás de 30 filmes de ficção científica que revolucionaram o gênero* de Ryan Lambie. São Paulo: Editora Seoman, 1.ª edição, 2019 [2018], p. 365-68.

_____, ed. *Cartografias para a ficção científica mundial: cinema e literatura*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2015.

TAILCHE, K.B.M. *Contrapontos no pensamento fundamentalista: para uma análise crítica*. 2012. Tese — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.